

Incluir é fortalecer: o poder da diversidade nas organizações – Por Clara Boavista

written by Clara Boavista | 25 de Maio, 2025



Precisamos refletir: estaremos, de facto, a ouvir todas as vozes? Estarão as pessoas de diferentes origens, identidades e capacidades a sentir-se verdadeiramente representadas e acolhidas nos diversos palcos da vida que partilhamos?

Incluir não é apenas aceitar diferenças – é valorizá-las. É entender que todas as pessoas, com as suas histórias, origens e identidades, têm algo único a contribuir. Inclusão não é um favor, é um direito. E, mais do que isso, é uma força.

Falar sobre inclusão, hoje, é falar sobre o futuro das

organizações. A inclusão não é apenas um valor ético ou social – é uma decisão estratégica. Significa criar ambientes onde todas as pessoas, com as suas diferentes histórias, origens, identidades e formas de pensar, tenham não apenas espaço, mas também voz, respeito e oportunidade real de contribuir.

Ambientes inclusivos são mais inovadores, porque a diversidade gera criatividade. São mais produtivos, porque promovem o engajamento – o envolvimento emocional, mental e comportamental de uma pessoa com o seu trabalho, organização ou causa –, o sentimento de pertença e a colaboração genuína. E são mais sustentáveis, porque atraem e retêm talentos, reduzem conflitos e constroem relações mais sólidas – tanto internamente como com o mercado.

Os estudos comprovam que empresas com práticas inclusivas apresentam melhor desempenho financeiro, tomam decisões mais eficientes e demonstram maior capacidade de adaptação em contextos complexos. Além disso, uma cultura inclusiva fortalece a imagem institucional, reduz riscos legais e aproxima a organização de um público cada vez mais consciente e diverso.

Incluir é, portanto, mais do que uma ação pontual. É um compromisso contínuo – com o saber ouvir, com o diálogo e com a equidade. É reconhecer que todos temos vieses – tendências inconscientes que afetam a nossa percepção, o nosso julgamento e comportamento, enraizadas ao longo da vida –, mas também que temos a responsabilidade de os superar.

Reconhecer os nossos vieses não é sinal de fraqueza, mas de maturidade. É o primeiro passo para construir ambientes mais justos, respeitosos e inclusivos. Ambientes seguros, onde cada pessoa possa ser quem é – e ser valorizada por isso.

Que possamos, então, transformar o discurso em prática e a intenção em cultura. Porque incluir não é apenas o mais correto – é aquilo que nos torna mais fortes, mais

inteligentes e mais preparados para o futuro.